

# O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C. G. T. EN LANGUE PORTUGUAISE

Nº 6 - Redaction et Administration : 213, rue Lafayette, Paris-10 - Mai - Juin 1964

A C.G.T. E A EMIGRAÇÃO OPERARIA

## PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES...

« — Se eu encontrasse trabalho no meu país, eu não teria vindo procurá-lo em França. » E' a resposta que deu um operário português da construção a um reporter da rádio que o entrevistou.

Nada traduz melhor que esta simples resposta a desgraça do sistema capitalista que obriga os trabalhadores que amam o seu país a expatriar-se para poderem viver e fazer viver a sua família.

Mas esta triste situação, na qual são atirados pela incúria e a impotência dos dirigentes do seu país, outros procuram explorar a seu favor.

As repetidas declarações de ministros e de dirigentes do patronato francês sobre a necessidade de introdução no mercado do trabalho de França de um grande número de trabalhadores emigrados, para pesar sobre os salários, ilustram bem a ausência de escrúpulos dos capitalistas na exploração da miséria que eles criam.

Negreiros modernos, os exploradores do trabalho do homem sabem do sofrimento, conhecem os lugares, os países onde o desânimo e a necessidade são muito grandes, e onde eles pensam encontrar uma mão-de-obra que lhes

proporcione um melhor negócio e possa ser menos exigente.

Que espanta, por isso, que sob esta podridão nasçam cogumelos venenosos e se pratiquem tráficos que nada fiquem a dever aos antigos métodos de traficantes de negros!

Por

**Benoît FRACHON**

Secretário geral da C.G.T.

Por alguns exemplos sabidos de operários portugueses a quem extorquem somas importantes para os fazerem entrar clandestinamente em França, quantos outros factos também condenáveis emanando de pessoas « respeitáveis »!

Promessas não cumpridas, salários, condições de trabalho e de vida, contratos aliciantes que se tornam em decepção e amargura desde os primeiros contactos com a realidade, tudo isto é moeda corrente e bem conhecida dos trabalhadores emigrados, bem como de seus companheiros franceses.

O patronato conta com o desamparo destes trabalhadores dezenraizados para os explorar ainda mais que aos outros. Ele espera que, isolados, esses trabalhadores serão mais maleáveis.

O patronato conta com o aparelho do Estado, com as medidas ou as ameaças policiais de toda a espécie para que esta mão-de-obra seja macia como uma luva, para a separar da vida e da luta da classe operária, da qual ela faz parte integrante.

Patrões e poderes públicos fazem apelo às autoridades dos países de origem, às missões de protecção e, ao melhor, às missões religiosas para a propaganda, a invitation à desconfiança, a defesa contra as organizações operárias, e a espionagem mais ou menos policial.

E' preciso acreditar que todas estas precauções se revelam inúteis, pois que o ministro dos Negócios estrangeiros de Portugal mostrou a necessidade de se queixar da influência da C.G.T. sobre o comportamento dos seus compatriotas, aos quais Salazar é incapaz de oferecer outra coisa que não seja o exílio, para poderem viver.

A tudo isto junta-se uma coisa tão repugnante como as já citadas : — a vontade de lançar os proletários uns contra os outros, todos eles explorados igualmente da mesma maneira.

Os mesmos que organizam a emigração massiva não hesitam em fazer-se passar por propagandistas de ideias xenofobistas. Quando, por todos os meios de que dispõem, eles conseguem impor aos trabalhadores emigrados condições mais draconianas de salários e de trabalho, vós os encontrareis entre os « clans » desses que sussurram aos operários franceses que os outros lhes fazem concorrência, « que os estrangeiros vêm comer-lhes o seu pão ».

Nós não nos contentaremos em denunciar estas manobras de toda a espécie e os objectivos que procuram atingir. A classe operária tem um meio de combatê-las, e a C.G.T. agradece ao ministro dos Negócios estrangeiros de Portugal ter vindo testemunhar, à sua maneira e publicamente, a eficiência das suas organizações. Mas é preciso fazer melhor ainda e mais depressa.

## VERDADEIROS E FALSOS CATÓLICOS

Muitos dos trabalhadores portugueses emigrados em França são católicos. « O Trabalhador » respeita as crenças religiosas e as opiniões de cada um. Ninguém deve ser impedido de praticar a sua religião e de pensar como entende.

« O Trabalhador » respeita também os padres católicos que se consagram sinceramente ao sacerdócio religioso. Por isso mesmo não pode admitir que certos padres se sirvam da religião e da Igreja para fins baixos e interesseiros que não têm nada que ver com a doutrina de Cristo.

Chega ao nosso conhecimento que à hora da missa um padre português em Paris falou de convites a trabalhadores portugueses emigrados em França para manifestações que estariam a ser preparadas para o 1º de Maio.

O padre de que falamos serviu-se do púlpito para espalhar notícias falsas. Nunca estiveram preparadas tais manifestações, e o padre sabe-o muito bem. Pode considerar-se verdadeiro sacerdote de Cristo um homem que desrespeita a verdade?

O que é que levou este padre a espalhar estas mentiras? Foi o ódio à festa do Primeiro de Maio? O Primeiro de Maio é a festa dos trabalhadores e realiza-se em quase todos os países do mundo, católicos, protestantes, comunistas, socialistas e de outras crenças e opiniões. Também se realizou em Portugal, oficialmente, antes do actual regime fascista. Não é uma festa contra a Igreja; e nela participam os trabalhadores de

(Conclui na 3a página.)

(Conclui na 7a página.)

# CONSULTÓRIO JURÍDICO-SOCIAL

## LEGISLAÇÃO

### A CARTA DE TRABALHO

(Conclusão do nº anterior)  
**PEDIDO DE REGULARIZAÇÃO**

Se o estrangeiro reside em França há mais de um ano sem ter exercido uma actividade assalariada, deve apresentar os seguintes documentos :

- uma folha de informações tendo tudo sobre o seu estado civil, as suas referências pessoais, os seus estudos em França e no estrangeiro, etc. (O impresso necessário para isto é fornecido pelos serviços da mão-de-obra);
- o seu passaporte e a sua carta de « séjour »;
- um atestado de admissão passado pelo patrão, precisando a natureza do emprego oferecido, o salário proposto e as vantagens em natureza eventuais;
- um certificado de domicílio, ou uma declaração de honra assim redigida :

Eu abaixo assinado .....  
 .....  
 (nome e apelido)  
 declaro sob a minha honra estar  
 domiciliado em .....  
 Rua ....., nº ..  
 e aí residir depois de .....

- todo o documento justificativo da sua formação profissional no caso presente;
- os documentos justificativos da sua situação de família (esposa, descendentes, ascendentes residentes em França);
- um envelope com o seu endereço, devidamente selado.

#### JOVENS ESTRANGEIROS

Os pedidos de cartas de trabalho feitos pelos jovens estrangeiros de menos de dezoito anos devem, em princípio, ser objecto de uma decisão favorável, desde que preencham as três seguintes condições (2) :

- 1º Que os pais estejam em situação regular;
- 2º Que tenha cinco anos de estadia ininterrompida em França;
- 3º Que tenha dois anos de frequência escolar em França.

#### PEDIDO DE RENOVAÇÃO

As formalidades a preencher para a renovação das cartas de trabalho são sensivelmente as mesmas que aquelas

feitas pelos trabalhadores estrangeiros quando do estabelecimento da sua primeira carta de trabalho (mesmas indicações e formas).

A renovação da carta temporária não pode, em princípio, ser feita senão para a profissão e para a região mencionadas na mesma carta.

O pedido da renovação da carta temporária deve ser formulado *adentro do mês* que antecede a sua expiração.

A renovação da carta ordinária para a de validade limitada pode ser acordada por um novo período de três anos se o trabalhador estrangeiro puder provar que ele exerceu a profissão nela indicada desde que a carta fora passada, ou desde a sua última renovação.

O pedido de renovação da carta ordinária de validade limitada deve ser feito *adentro dos três meses* antecedentes à data da sua expiração.

Acentuemos que a não renovação da carta de trabalhador estrangeiro não desliga o patrão do cumprimento absoluto do contrato de trabalho até à data normal da sua expiração (3).

#### TAXA DE RENOVAÇÃO

Na ocasião da renovação das cartas de trabalho é necessário pagar uma taxa, cujo montante é fixado de harmonia com cada caso (4) :

- Renovação da carta temporária (5) ..... 5 F
- Transferência da carta ordinária para a de validade limitada ..... 8 F
- Transferência da carta ordinária para a de validade permanente ..... 12 F
- Transferência da carta permanente para a de todas as profissões assalariadas ..... 15 F

Esta taxa é paga através de um selo especial, que é colado sobre a carta. A taxa é obrigatória em caso de mudança de categoria de carta, mesmo que a carta anterior não tenha ainda terminado o prazo.

A taxa não é obrigatória quando da entrega da primeira carta de trabalho, nem em caso de mudança de profissão ou de departamento.

#### 3. MUDANÇA DE PROFISSÃO OU DE DEPARTAMENTO

Logo que a validade da carta de trabalho é limitada a uma só profissão ou a um só departamento, o estrangeiro que deseje mudar, quer seja de profissão, quer seja de departamento, deve fazer um pedido nesse sentido na mesma maneira que para uma renovação da

#### Permanências da C.G.T. para portugueses

NO SENA :

**CHAMPIGNY.** — Na União Local da C.G.T., 197 bis, rue de Verdun, todos os primeiros e terceiros domingos de cada mês, das 10 às 12 horas.

**LEVALLOIS.** — Na União Local da C.G.T., todas as Quintas-feiras, das 17,30 às 19,30 horas.

**NANTERRE.** — Na União Local da C.G.T., 7, rue de la Mairie, todos os sábados das 17 às 19 horas.

**SAINT-DENIS.** — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos os sábados das 17 às 19 horas.

**AUBERVILLIERS.** — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todas as Quintas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

**VILLEJUIF.** — Na União Local da C.G.T., todos os sábados, das 17 às 19 horas.

Trabalha-se para que outras permanências C.G.T. possam pôr-se à disposição dos trabalhadores portugueses, nas « villes » onde habitam. Na devida oportunidade serão indicadas neste jornal.

carta à secção da mão-de-obra a onde pertence a sua residência.

A mudança de departamento necessita o acordo dos dois directores departamentais do trabalho e da mão-de-obra interessados.

#### VIAS DE RECURSO EM CASO DE RECUSA

As reclamações contra as recusas feitas pelos serviços da mão-de-obra devem ser redigidas em papel à escolha dos interessados e dirigidas à Direcção Departamental que fez a recusa.

A decisão definitiva é tomada pela administração central do Ministério do Trabalho e notificada ao interessado.

#### 4. PERDA DA CARTA DE TRABALHO

O trabalhador estrangeiro que tenha perdido a sua carta de trabalho deve fazer a declaração dessa perda ao Comissariado da Polícia (ou, na sua falta, à Mairie) assim como à Direcção Departamental da Mão-de-Obra.

Depois do inquérito feito sobre o assunto, um duplicado da carta perdida pode ser dado ao interessado.

(2) Circular TMO 5-61 de 10 de Fevereiro de 1961 (não publicado no J.O.).

(3) Cass. soc. 30-12-1954. Bull. p. 629, nº 863.

(4) Decreto de 4 de Dezembro de 1951 (J.O. 6-12-1951).

(5) A renovação da carta temporária obriga a um só pagamento de 5 F por período de um ano.

# TRÁFICO DE HOMENS

*O negreiro moderno recebia 500 F por trabalhador português que fornecia a industriais parisienses*

« Animais vivos ». Esta indicação inscrita nas portas de um vagão de bestas, num desvio na via férrea Paris-Tolbiac, foi a origem da descoberta dum odioso tráfico de homens. Como nenhum mugido se escapasse do vagão, transportando (segundo as indicações da folha de controle) bois gordos, o funcionário da S.N.C.F. encarregado das verificações em Ansterlitz achou a coisa estranha. Ele fez saltar os selos e descobriu lá dentro, deitados sobre a palha, 22 homens barbudos. Depois de cinco dias, estes homens, emigrantes portugueses miseráveis, se comprimiam num pequeno espaço, depois de terem franqueado a fronteira franco-espanhola em St-Jean-Pied-de-Port (Baixos Pirinéus).

No mesmo momento em que os inspectores, prevenidos, os juntavam no cais, chega um individuo que, à vista dos polícias, se precipita e procura sair da gare, a correr. Apanhado um pouco mais longe, foi forçado a declinar a sua identidade e a explicar-se: — tratava-se de um comprador de gado, Raymond Hérigouin, de 38 anos, que confessou ser o organizador da transferência de emigrados portugueses. Ele recebia 500 francos (novos) por cada trabalhador fornecido a industriais parisienses, procurando, disse ele, mão-de-obra a baixo preço.

Crentes de acabar com a sua miserável condição sob o regime fascista de Salazar, estes trabalhadores portugueses, como milhares de outros que chegam a França nas mesmas condições, pagaram caro a sua quimérica esperança: — 2.000 francos (novos) penivelmente amealhados ao preço de dividas para o « passaporte, a viagem e o guia »...

Quanto a estes 22 emigrantes, livres depois de regularizada a sua situação, eles não chegaram, hélas, ao fim das suas penas.

A Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro Franceses pode ser considerada como totalmente inocente neste estranho negócio? E' possível embarcar em tais condições homens sem se ser « um pouco » cúmplice no caso? E, depois, o estado-patrão, que recusa obstinadamente revalorizar os salários dos trabalhadores do estado, não tem ele os mesmos interesses que esses famosos industriais procurando a « mão-de-obra a baixo preço », afim de passar melhor por cima dos ditos salários?

Quer sejam portugueses ou espanhóis eles fogem das ditaduras sangrantes que se instalaram nos seus países. São homens que não têm nenhuma responsabilidade do uso que entendem fazer deles. Eles merecem dignidade e solidariedade. Solidariedade que não deixará de ser-lhes oferecida pelos seus camaradas franceses de trabalho!

Este simples facto de agora é deveras significativo, quando se sabe da aproximação que se tem operado entre os governos gaulista e salazarista para a instalação de uma base francesa destinada à força de « frappe » atômica, e em contra-partida o ditador português receberá navios de guerra e um empréstimo de 625 milhões de francos; quando se sabe que o delegado gaulista se tem sempre mostrado solidário na O.N.U. com a ditadura de Salazar.

Ao mesmo tempo, por outro lado, o ministro português senhor Franco Nogueira declara lamentar a existência da CG.T. e a sua actividade na defesa dos direitos dos trabalhadores portugueses emigrados em França. Ele declara que a luta da nossa organização sindical pelas liberdades e pela democracia podem eventualmente repercutir-se em Portugal. Esqueceu-se que, desta forma, está confessando ao mundo o que, aliás, muita gente já sabia: — a não existência em Portugal de qualquer espécie de liberdade, nem democrática, nem sindical. E, vinda de tão alta personalidade do governo salazarista, esta confissão tem foros de sensacional!

Mais valera que se olhasse a sério aos casos do tráfico de escravos, a que o povo português se tem transformado

(Conclui na 6a página)

## FESTA DE SOLIDARIEDADE FRANCO-PORTUGUESA

*Organizada pelo Socorro Popular Francês, efectuou-se no Palácio da Mutualité, em 17 de Abril, um « Grand Gala de Solidarité » franco-português, a que assistiram cerca de 1.300 pessoas. A parte artística foi esplêndida, e a sua organização, a cargo de um jovem estudante português, Jorge Canuto Gloria, foi impecável.*

*Do programa fizeram parte, entre outros, os seguintes artistas: Los Caracas, Monique Morelli, Colette Magny, Los Diablos, Nicolas Perez Gonzales, Ismael Perra, Borita Rosa, Christian Sarrel, Hugues Aufray, James Olivier, Antonio Ferreira, José Gonçalves, Luis Cilia e Luis Saraiva, que foram sempre entusiasticamente aplaudidos.*

*Durante a festa, o advogado francês, Me. Roland Weyl, fez um alocução sobre o sistema de repressão policial, atentado contra os Direitos do Homem, anomalias dos Tribunais Especiais, ausência de um mínimo de liberdade, que se verificam em Portugal.*

*O advogado francês do Socorro Popular falou sobre o funcionamento dos tribunais especiais, da repressão, e violência policial, do torpedeamento constante pela parte das autoridades fascistas dos Direitos do Homem em Portugal. Acentuou o caso recente dos quatro advogados da Comissão Internacional de Juristas Democratas, que esteve em Portugal, composta de 2 americanos, um canadiano e um argentino, à qual a Pide impediu de realizar uma anunciada conferência de imprensa e que transportou, pela força, para o aeroporto, expulsando-a do país.*

*Essa intervenção foi traduzida para português por uma jovem senhora portuguesa.*

*A numerosa assistência ficou satisfeita com esta festa franco-portuguesa, para o êxito da qual numerosos portugueses deram a sua colaboração.*

## SOLIDARIEDADE

Para os presos políticos e suas famílias, continuamos a receber dos nossos amigos portugueses em França provas de solidariedade.

Hoje publicamos mais as seguintes:

de Manuel José .....	5 F
de J. C. ....	5 F
de N. N. ....	1 F

A todos, os agradecimentos dos beneficiados.

## VERDADEIROS E FALSOS CATÓLICOS

(Conclusão da 1a página)

*todos os sindicatos, inclusive os sindicatos católicos. Os inimigos do Primeiro de Maio são os inimigos dos Trabalhadores e dos Sindicatos.*

*Um padre que ataca o Primeiro de Maio na sua igreja não fala como um verdadeiro sacerdote de Cristo, mas como um amigo dos exploradores que obrigam os trabalhadores portugueses a emigrar para o estrangeiro por falta de pão e de trabalho na sua própria terra.*

*Os trabalhadores católicos devem aprender a distinguir entre os padres sinceros e os padres mentirosos que, a pretexto de religião, fazem a política dos exploradores e dos fascistas. Os padres sinceros não atacam os sindicatos nem combatem a união dos trabalhadores. Não esquecem as encíclicas do Papa João XXIII que reconheceu o direito dos trabalhadores a organizarem-se para melhorarem o seu nível de vida. Os padres mentirosos, pelo contrário, pretendem manter os trabalhadores na ignorância e na miséria, e por isso atacam os sindicatos e combatem a união que faz a força dos trabalhadores.*

## O Revº Pinto de Andrade, de novo na prisão

O reverendo padre Pinto de Andrade, chefe do arcebispado de Luanda, diplomado pela Universidade gregoriana de Roma, tinha sido preso em 5 de Junho de 1960 pelas autoridades portuguesas, depois restituído à liberdade provisória. Contra ele, um só motivo de acusação: — uma carta que escrevera a seu irmão, Mário de Andrade, então presidente do Movimento de Libertação de Angola (M.P.L.A.).

Durante o verão de 1962, ele foi novamente preso; depois, como resultado duma vigorosa campanha internacional, foi libertado no verão de 1963, mas com residência fixa vigiada.

Esse reverendo padre, gravemente doente, acaba de ser mais uma vez preso. Ele é, depois de Dezembro de 1962, presidente de honra do M.P.L.A.

Num comunicado, o Comité de ajuda a Angola e aos povos coloniais portugueses declara que ele « não pode admitir que continue na prisão um homem cujo único crime foi ter protestado contra as perseguições sofridas pelos seus irmãos africanos. Lembra nesse comunicado que numerosas personalidades francesas tinham já, em Março de 1963, exigido a sua libertação. »

## PONTOS DE REUNIÃO

Dá gosto ver-se, aos domingos, a grande reunião dos espanhóis emigrados em Paris, que se verifica na Praça da « Etoile ». Nessa praça e na Avenida Wagram, só se ouve falar espanhol, durante largas horas de cada domingo. Mais parece um bairro « madrileño » que um dos mais belos lugares da capital francesa.

Pois essas reuniões têm o seu lado bastante prático: é ali que umas pessoas participam às outras casas que precisam de empregadas, fábricas que precisam de operários, etc. É uma espécie de « bolsa » do trabalho espanhol, em Paris.

Porque não farão outrotanto os trabalhadores portugueses nesta capital? Isso lhes poderia servir de pretexto de mais estreito contacto entre eles e, ao mesmo tempo, poderia ajudar a encontrar soluções de colocação aos que chegam e precisam de trabalho e aos que estão e desejam mudar-se para outro.

Qual o melhor lugar para a reunião dominical dos portugueses? No Boulevard de St. Michel? No Jardim do Luxemburgo? No das Tuileries? Noutro que mereça a preferência da maioria? Será bom que, quem possa e queira, dê a sua participação para a escolha do lugar preferido para a « bolsa » dos trabalhadores portugueses de Paris. Digam para a redacção de « O Trabalhador » o que pensam sobre este assunto.

Para já pode ser o Bl. St-Michel? Achemos que sim.

# PROBLEMAS DE PORTUGAL

## CARTA DE LISBOA

Foi aos gritos de « Liberdade », « Abaixo a ditadura », que os estudantes, amparados pela população, se manifestaram em Lisboa.

Não obstante a proibição do ministério da Educação nacional, os estudantes decidiram celebrar o « Dia do Estudante », em 14 e 15 de Março. Em 14, pelas 13 horas, mais de mil estudantes se juntaram diante do Instituto Superior Técnico, aos gritos de: « Universidade livre », « Liberdade! Liberdade! » Eles transportavam cartazes sobre os quais podia ler-se: « Unidos, venceremos », « Autonomia para a Universidade ». Cerca das 13,30, forças da polícia, especialmente encarregada da repressão das manifestações públicas, fizeram a sua

intervenção com violência. Os estudantes tinham percorrido já a Avenida de Roma, com os cartazes à testa da manifestação. A circulação foi totalmente interrompida e a população encorajava os estudantes com vivos aplausos.

A Cidade Universitária estava cercada por cordões da polícia, mas os estudantes puderam, entretanto, reunir-se na Faculdade de Ciências, onde fizeram um « meeting ». Por aclamação, e não obstante a presença das forças repressivas, eles decidiram continuar as manifestações previstas para essa « jornada do estudante ». Um jantar reuniu um milhar de estudantes na sede da associação, durante o qual os responsáveis denunciaram a política do regime

em relação à juventude. Uma vez mais a polícia interveio; mas ela retirou-se depois dos protestos do director da faculdade.

Em 15, as manifestações prosseguiram por uma reunião no centro da Cidade Universitária. Os estudantes juntaram-se na cidade e, não obstante as violentas cargas da polícia, reuniram-se na Praça do Chile, depois dum desfile de dois quilómetros. A população juntou-se, então, à manifestação e, em resposta aos golpes das matracas, gritavam: « Viva a Liberdade », « Abaixo a ditadura! » Mais tarde, os estudantes deram « rendez-vous » em dois cinemas da Praça dos Restauradores, em pleno centro de Lisboa. No fim das sessões, cerca da meia noite, eles saíram dos cinemas cantando o hino dos estudantes. A polícia,

alertada, cercou a praça e desencadeou em seguida novas cargas, às quais não escapou ninguém. É assim que numerosas pessoas que nada tinham a ver com a manifestação — o chefe de orquestra Peixinho e um tenente do exército, por exemplo — foram também presos.

Durante estes dois dias, dezenas de estudantes foram feridos, bem como diversos agentes da polícia. As associações estudantis exigiram do Ministério do Interior a libertação dos 23 manifestantes que ficaram entre as mãos da polícia. São previstos movimentos de protesto, se uma decisão não se verificar rapidamente a este respeito. A tensão é grande em Lisboa, onde as forças de repressão patrulham minuciosamente as ruas.

## DADOS BIOGRÁFICOS DO CAPITÃO VARELA GOMES

João Maria Paulo Varela Gomes, 34 anos, filho dum antigo contra-Almirante da Marinha de guerra portuguesa, terminou com distinção o curso do Es-

tado Maior. Oficial muito respeitado pelo seu apuro e saber. É oficial de artilharia. Possuidor de uma cultura invulgar.

Em 1961 foi proposto como candidato pelo distrito de Lisboa às eleições para deputados à assembleia nacional, ganhando grande popularidade.

Em Janeiro de 1962, foi um dos organizadores e comandou o assalto ao quartel de Infantaria 3, em Beja.

Nesta revolta foi atingido por uma rajada de metralhadora, pelo que teve de sofrer várias intervenções cirúrgicas, sendo-lhe extraído um rim, o baço e parte dos intestinos. Esteve dois meses após a sua prisão, e apesar de doente, em regime de absoluta incomunicabilidade. A partir de então encontra-se isolado numa sala. Aos seus protestos contra este regime de isolamento, respondeu a PIDE pondo durante alguns dias, na sua cela, um camponês do Alentejo que endoidecera devido às torturas a que fora sujeito. Tem sido vítima de frequentes castigos na cadeia onde se encontra mantendo sempre uma firmeza altiva ante os carcereiros e a Pide.

Sua esposa, D. Maria Eugénia Varela Gomes esteve presa 18 meses, sob a acusação de cumplicidade no movimento militar de Beja. Ao ser libertada, a companhia inglesa BP, onde era assistente social, recusou a sua readmissão. O capitão Varela Gomes e sua esposa têm 4 filhos de menor idade.

## JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Em 25 de Abril, teve lugar um jantar de confraternização entre emigrados portugueses, para comemorar o 64º aniversário do prof. Emídio Guerreiro, no Restaurant Rallye, em Paris. A razão deste jantar de homenagem foi devida ao facto de metade de sua vida ter sido passada no exílio — um exílio político, em face da luta que tem travado contra a sangrante e odiosa ditadura fascista-salazarista que há 38 anos se instaurou, e se mantém, pela força, no seu país.

Aproximadamente setenta convivas enchem a sala onde o jantar se efectuou. Na sala viam-se, entre destacadas figuras nas artes e na política, numerosos operários portugueses emigrados, também. Foram lidas cartas e telegramas de saudação ao homenageado enviadas por: Prof. Dr. Manuel Valadares, Dr. Mario Soares, Engº Antonio Guimarães, António Gonçalves, Engº João Rezende, Dr. Felisberto Madeira, Escritor Castro Seromenho, Câmara Pires, D. Adriana de Mendonça Gonçalves; da Comissão da Frente Patriótica de Libertação Nacional, assinado por Pedro Soares, Cabeçadas, Tito de Morais e Piteira Santos; do Prof. Dr. Ruy Luis Gomes e Dr. José Morgado, etc.

Aos discursos de saudação ao democrata e ao lutador pela liberdade durante estes últimos 32 anos, falaram a escritora D. Maria Lamas, os Drs. Ramos da Costa, Antonio José Saraiva, Victor de Sá, escritor Jorge Reis, Campos Lima, Júlio Inácio e Tomaz Rato. Agradeceu o homenageado, relembando passagens da sua vida de lutador pela liberdade, contra a opressão, em terra portuguesa como em

terra francesa — e prometendo que se manterá na luta contra o fascismo enquanto viver. Informou a assistência da prisão do Engº Antonio Brotas, no Recife, onde era professor de matemática num Instituto técnico, pelas autoridades fascistas brasileiras saídas do golpe militar naquele país, e dos protestos já feitos junto do novo Presidente da República do Brasil, e outros, pedindo a imediata libertação desse democrata.

## JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS SILVA MARQUES

Sua família está muito preocupada com a falta de notícias. Natural da Cruz da Légua, trabalhava numa fábrica de cerâmica, quando foi preso pela Pide. Depois disso a família nada mais soube dele. Pede-se a quem souber do seu paradeiro que informe.

## Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente das 20 às 20,30 (hora francesa) e das 22,15 às 22,45, em 32 metros; e das 0,30 às 0,50, em 36, 40 e 43 metros.

Ao domingo há emissão especialmente dedicada aos camponeses e agricultores de Portugal, das 13 às 13,30, em 19, 20, 25 e 26 metros.

## ASSUNTOS SOBRE PORTUGUESES

Nunca houve, em França, um tão grande movimento de interesse sobre os portugueses emigrados e os problemas respeitantes a Portugal.

É bem verdade que a caótica situação económica daquele país, agravada sempre e mais pelas guerras coloniais que empreendeu e que intensifica em Angola, na Guiné (para não falar na perda da ocupação de Goa, na Índia, nem na manutenção de elevado número de unidades do exército em Moçambique, em Macau e em Timor), empobreceu esse país de tal maneira que a população laboriosa vê-se em grande parte forçada a emigrar... para não morrer de fome. Por isso, o verificarem-se com tanta frequência a vinda de emigrantes, muitos legais, mas a maior parte clandestinos.

Os jornais franceses falam no problema, sobretudo quando se descobrem chegadas de pobres emigrantes clandestinos, enganados por traficantes (por que não darão, em Portugal, os passaportes a quem deles tem necessidade, forçando os emigrantes a vindas vexatórias, entregues à rapacidade de negreiros sem escrúpulos?) como, entre outras, a do vagão de « gado vivo », para o açougue! E entre os jornais que se têm referido ao assunto da emigração « quase » em

massa de trabalhadores e de jovens desertores portugueses, « France-Soir », « Paris-Match », « Le Monde », « Aux Ecoutes », etc. « Le Monde » trouxe há dias a informação que cerca de 100 mil portugueses estão instalados nos « bidonvilles » de Paris. (Pergunta-se: — e quantos milhares mais em Paris, mesmo? E quantos milhares mais na banlieu, sem ser em « bidonvilles »?) Mas o mais espantoso é o que nos diz « Aux Ecoutes »: — nada mais, nada menos, de 400 mil portugueses, em França, segundo esse semanário. Onde iriam buscar esse número? Quais as estatísticas que consultaram, para se atingir tão elevada casa, de portugueses neste país? O exagero é tão pernicioso como o menos-prezo. A não ser que venham provar-nos, preto no branco, que têm razão. Só assim poderemos acreditar. Só assim poderão ser acreditados.

Que se jogarão por detrás de tudo isto?

## Novo Jornal

Destinado, em especial, à colónia portuguesa de França, apareceu em Março passado um novo jornal, em português e em francês, intitulado « Voix du travail », da Associação dos Originários de Portugal.

Bem e apresentado e com boa informação e colaboração, ele foi muito bem recebido por quantos portugueses, e franceses, se interessam pelos assuntos de Portugal. Aos que nele trabalham, apresentamos as nossas felicitações, fazendo votos por longa vida e constante progresso.

## Tráfico de homens

(Conclusão da página 3)

nos quase quarenta anos de ditadura fascista, como este de « animais vivos », « bois gordos », e tantos e tantos outros em semelhantes desgraçadas situações, que quase diariamente os jornais franceses se fazem éco. E estes são só os casos descobertos; porque a grande maioria dos emigrantes clandestinos portugueses para França arribam ao seu destino sem serem descobertos. Mas, de qualquer maneira, os dinheiros que os emigrantes trabalhadores portugueses em França enviam para Portugal vai, de uma forma directa, ajudar a aguentar uma situação económica que as guerras coloniais acabarão por sangrar completamente... Mas, enquanto o pau vai e vem, os dinheiros ganhos em França pelos trabalhadores lusos vão entrando em Portugal. E isso, para os que estão no comando, é que conta. Não haja dúvidas...

## COMUNICADO DA C.G.T.

Em nome da classe operária francesa, o « Bureau Confédéral » da C.G.T. protesta indignadamente contra o assassinato dum trabalhador, quando da sagração repressão policial das manifestações do 1º de Maio em Lisboa.

O « Bureau Confédéral » inclina-se diante das vítimas da ditadura do regime de Salazar e exprime aos trabalhadores e ao povo português a inteira solidariedade da C.G.T.

O « Bureau Confédéral » sauda os pescadores do sul de Portugal que prosseguem a luta depois de 15 dias pelo aumento de salários e de melhores condições de trabalho, não obstante a intervenção brutal das forças da policia, das violências e prisões. Ele apela para todas as organizações da C.G.T., para todos os trabalhadores, para assegurarem a sua solidariedade crescente aos seus irmãos de Portugal.

ENVIAR DINHEIRO CARTA NOSSA

REDACÇÃO, OU C.G.T. TESOURARIA - C.C.P. 62-84 (PECHEURS) PARIS.

Num comunicado, o « Bureau » da União dos Sindicatos C.G.T. da Seine, declara :

No 1º de Maio, o sangue de trabalhadores correu em Lisboa. Um operário foi morto, muitos ficaram feridos. O « Bureau » da U.D. dos Sindicatos C.G.T. da Seine inclina-se com emoção diante da nova vítima do fascista Salazar.

Ele transmite aos trabalhadores e ao povo português a sua inteira solidariedade e sauda os 3.000 pescadores do Algarve que estão em greve por melhores salários e pela liberdade.

O « bureau » da U.D. da Seine chama as suas organizações a intensificarem a sua actividade afim de unir sempre e mais os trabalhadores emigrados portugueses, tão numerosos no nosso departamento, com os seus irmãos de classe franceses, e a desenvolverem a nossa solidariedade em direcção aos trabalhadores portugueses que, no seu país, lutam pela democracia, pelas liberdades sindicais e politicas, contra o regime de terror fascista.

## 130 trabalhadores de St-Denis em delegação ao "Hôtel de Ville"

Estão ameaçados de expulsão do « bidonville » des Francs-Moisins, em St-Denis (Seine) cerca de 1.000 trabalhadores portugueses e suas famílias. Em face disso, realizou-se, em 28 de Março último, na Escola Danielle Casanova, de St-Denis, uma reunião pública, presidida pelo « maire » sr. Auguste Gillot, que expôs a necessidade dos trabalhadores emigrantes portugueses ameaçados de expulsão, de se juntarem numa grande organização que, desta forma, poderia defender melhor os seus direitos; que se juntassem à comissão oficial que iria tratar deste caso junto do « Préfet de la Seine ». Um trabalhador português traduziu, à medida que falava, as palavras do « maire », que foi entusiasticamente aplaudido.

Falou, em seguida, um operário português, que expôs, a traços largos, a necessidade de todos os operários emigrados em França se unirem com os operários franceses, pois que os interesses de todos os trabalhadores são comuns. E que neste caso da ameaça da expulsão que pesa directamente sobre um milhar de portugueses do « bidonville des Francs-Moisins », não se pretendia que se mantivessem os nossos compatriotas habitando um « bairro da lata » para sempre, mas que, se de facto os capitalistas têm necessidade do terreno onde está instalado o « bidonville », que só saíssem de lá essas famílias portuguesas quando o estado francês lhes pusesse à disposição casas com um mínimo de decência para serem realojadas. A essa sessão, que terminou com o filme « O sal da terra », assistiram cerca de 700 portugueses.

Como resultado desta reunião, e tendo ficado constituída uma comissão, da qual faziam parte diversos operários portugueses desse « bidonville », foi essa comissão, acompanhada de Auguste Gillot, maire de St-Denis, e conselheiro geral da Seine, diversos outros conselheiros gerais, representantes do PCF, da CGT, C.F.T.C. e do « comité du quartier », ao Hôtel de Ville de Paris, para ser recebida pelo « Préfet de la Seine ». Recebida pelo director dos Negócios Sociais, a delegação obteve desta alta entidade a certeza da suspensão de expulsão e a promessa de que serão descongelados créditos para a construção de alojamentos convenientes, bem como de lugares onde esses alojamentos possam ser construídos.

Acompanharam a comissão acima referida 130 trabalhadores, com mulheres e filhos, que se deslocaram em duas grandes camionetas. Todos os portugueses de St-Denis apreciam altamente os esforços feitos pelo « maire » e respectiva « marie » de St-Denis em favor dos trabalhadores emigrantes e suas famílias.

## ESCOLAS DE FRANCÊS PARA PORTUGUESES

Está funcionando a de Nanterre, duas vezes por semana (às segundas e sextas-feiras, das 20 às 22 horas) e vão entrar por estes dias em funcionamento as escolas de Champigny e de St-Denis.

Nas respectivas Uniões Locais da C.G.T. aceitam-se inscrições de trabalhadores e trabalhadoras portuguesas para estas escolas.

## A C.G.T. em Champigny

No passado mês visitou parcialmente o « bidonville » de Champigny, onde vivem milhares de trabalhadores portugueses e suas famílias, uma delegação da C.G.T., afim de estudar a possibilidade de promover, em 24 de maio das 9 às 12 horas, uma « jornada de informação » sobre os direitos dos trabalhadores emigrantes no que respecta a « Sécurité sociale », « Allocation familiale », etc. Uma larga delegação C.G.T. irá, nesse dia, pelos quatro cantos dos « bidonvilles », pôr-se à disposição dos portugueses.

## Festas de confraternização

Prosseguem os portugueses de várias cidades da « banlieu » em querer proporcionar aos seus compatriotas reuniões-festas de confraternização, com uma frequência e uma organização que só honra quem delas faz parte.

Além daquelas a que noutro lugar fazemos referência, outras mais se estão preparando para breve. Citaremos as que são do nosso conhecimento : — a da U.L. da C.G.T. de Saint-Denis, em 24 de Maio, e a de Champigny, também adentro deste mês, igualmente organizada pela U.L. da C.G.T.

Para elas chamamos a atenção dos trabalhadores emigrantes portugueses em Paris e na « banlieu », afim de darem às mesmas, com a sua presença, o brilho merecido.

## PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES...

(Conclusão da 1ª página)

Há actualmente em França perto de dois milhões e meio de trabalhadores emigrados. Para a C.G.T. eles são proletários como os outros. Nenhum deles é posto fora da sua acção para a defesa dos interesses operários.

Melhor : nós damos e daremos à sua defesa uma atenção mais cuidada, pois eles são, em geral, mais explorados que os outros pelas razões já conhecidas.

O patronato e o Estado pretendem fazer uma massa de « manœuvres » que possam pesar sobre os salários e as condições de trabalho; o interesse e o dever dos sindicatos são de exigir que eles tenham por toda a parte as mesmas condições e os mesmos direitos que os trabalhadores franceses. Ministros e patrões envisajam criar uma massa de desempregados para pesar sobre os salários. Os trabalhadores franceses não

se voltarão contra os operários emigrados, por isso. Com eles, exigirão mais imperiosamente a redução do tempo de trabalho e o regresso à semana de 40 horas sem diminuição de salário. Assim, em lugar de serem lançados no desemprego, trabalhadores franceses e emigrados trabalharão menos tempo e darão menos lucros aos capitalistas.

Tentarão desviar a cólera dos trabalhadores dos verdadeiros responsáveis do seu mal-estar, em França como nos países de origem dos operários emigrados. Nós forjaremos o bloco unido dos proletários, que só têm um inimigo comum : — o capitalismo.

Não será a xenofobia que regulará as relações entre trabalhadores franceses e emigrados, mas sim a bela fórmula do « Manifesto Comunista » :

— « Proletários de todos os países : uni-vos ! »

## ADESOES À C.G.T.

O movimento de adesão de trabalhadores portugueses à CGT cresce de maneira entusiástica. Nas últimas semanas, sobretudo, além de muitas outras adesões que, por diversas circunstâncias, não puderam ser anotadas devidamente para esta notícia, registaram-se as seguintes :

Em Fresnes (Seine) : 20.  
Em Bauvais (S.-et-O.) : 50.  
Em Arpajon (S.-et-O.) : 45.  
Em Champigny (Seine) : 65.  
Em Draveil (Seine) : 98.  
Em Paris (Seine) : 42.

A grande percentagem de adesões são de trabalhadores portugueses do « bâtiment » (construção) onde a mão-de-obra é mais procurada, mais mal paga e as condições de segurança são, muitas vezes, deficientes. Daí a necessidade do patronato francês em admitir mão-de-obra estrangeira. Os estrangeiros são uma massa mais dócil de manejar... — dizem os grandes capitalistas. Mas é preciso que os trabalhadores portugueses compreendam e sintam a urgente necessidade de se unirem aos seus camaradas franceses e aos outros trabalhando em França. Essa unidade é feita sempre através do sindicato. Ser sindicalizado, e sobre tudo sindicalizado na C.G.T., oferece, sempre, as melhores possibilidades de defesa. E no interesse de quantos trabalham, é a defesa por melhores salários, por melhores condições de trabalho, pela semana de 40 horas sem diminuição de salário, mais segurança no trabalho, etc. Na união de todos que trabalham é que as grandes vitórias podem ser conquistadas.

## TRÁJICA SÉRIE DE ACIDENTES DE TRABALHO

Nos trabalhos do « chantier » de Levallois, 80, rua Victor-Hugo, deu-se um desmoronamento de terra que soterrou dois trabalhadores portugueses : Virgílio Frazão, de 34 anos, e seu cunhado, Manuel da Costa, igualmente de 34 anos.

Em 9 de Abril, dia em que a maior parte dos trabalhadores da construção e obras públicas fez greve de protesto em toda a França, pelo recomeço das negociações com o patronato, interrompidas há algum tempo, pelas 10,45 da manhã, numerosos trabalhadores — portugueses e algerianos, na sua maior parte — trabalhavam a 7 metros de fundo, preparando a fundações dum futuro « building ». Nesse « chantier », onde 95 % dos operários são estrangeiros, e muito mal pagos, as condições de trabalho e de segurança são lamentáveis. Uma serra circular sifla a um canto, dentes a descoberto. O lugar onde os homens trabalham é mal protegido. Faltam contrafortes para a segurança das « barreiras ».

A's 11,54, um deles foi desenterrado : Virgílio Frazão. Ele sofreu leves contusões, apenas. Mas sómente pelas 15,30 é que, depois de porfiados esforços dos bombeiros, e sempre no risco de novos desabamentos de terra, é que Manuel da Costa conseguiu ser salvo. Foi levado para o Hospital Beaujon, em Clichy, com um perna e um braço fracturados. Nos trabalhos de salvamento intervieram também operários portugueses, entre os quais o irmão deste último ferido.

Quando dirigia as operações de salvamento, faleceu repentinamente o coman-

dante dos bombeiros, sr. Florent Mellier, de 46 anos, casado e pai de 4 filhos.

\*\*

Em 21 de Abril, em Chennevières-sur-Marne, dois trabalhadores portugueses, Diamantino Cardoso, de 27 anos, e Constantino dos Santos, de 21 anos, foram electrocutados, quando manipulavam uma grua, no interior de um « chantier » de uma « entreprise » instalada na rua Georges. Um deles foi morto no momento do choque e o outro, gravemente queimado, foi internado no Hospital de Bry-sur-Marne. Ambos habitavam na grande concentração de portugueses em França que é Champigny-Ceuilly (Seine).

\*\*

Em 22 de Abril, no acima citado « chantier » de Levallois, um novo desabamento de terras se verificou. Desta vez fez um morto : Oliveira Dias, de 26 anos, de Olival; e por pouco que outro português, Pereira Neves, cunhado da vítima, não teve a mesma sorte, pois que subira uns segundos antes da cova fatídica. Todos os operários são unânimes em assegurar que é a falta de segurança no trabalho que originou este e o antecedente desastre. Como protesto, todos os trabalhadores portugueses do « chantier » largaram o trabalho. E' preciso que os trabalhadores obriguem os patrões, ante estes e outros acidentes, a que tenham mais respeito pela vida dos operários. E' preciso exigir deles as necessárias condições de segurança no trabalho.

## Aubervilliers

A convite da U.L. da C.G.T., realizou-se em 4 de Abril, em Aubervilliers, uma sessão para trabalhadores portugueses, a que assistiram muitas pessoas. Falou em primeiro lugar um operário português. Em seguida, um membro da U.L. da C.G.T., que saudou e agradeceu a presença de todos; falou da situação dos trabalhadores portugueses em França, dos emigrantes clandestinos, no que se passou sobre o « bidonville » de Saint-Denis e o que se passa nos de Nanterre, Champigny e da exploração capitalista com a cumplicidade do governo, de que todos os trabalhadores são vítimas. Pediu a união de todos os operários, através do sindicato C.G.T., para fazer-se face à situação.

Falou ainda um estudante português, que informou os presentes que iam começar as aulas de francês para portugueses, em Aubervilliers. Houve dezenas de inscrições para estas aulas. Terminou a sessão com o filme « O Capitão Fracasse ». Houve 4 adesões à C.G.T.

# UM APELO DA C.G.T.

Por ocasião do 1º de Maio, o **Bureau Confédéral de la C.G.T.** publicou o seguinte comunicado :

## Trabalhadoras, Trabalhadores,

Vós estais profundamente descontentes do « congelamento » de facto dos salários imposto pelo patronato e pelo Poder.

A política dita de estabilização, decidida especialmente em razão da importância das despesas militares, traduziu-se por uma ofensiva geral contra as vossas reivindicações, o vosso nível de vida, os vossos direitos sociais, as liberdades sindicais, ao mesmo tempo que por novas medidas em favor dos patrões e respectivos lucros.

Em 18 de Março último, vós exprimistes, por milhões, o vosso descontentamento, por possantes greves. Depois, em diferentes indústrias, acções se desenrolaram e vós estais preparando outras mais possantes pela defesa das vossas reivindicações, para impor aos patrões e ao governo a maneira e o resultado das discussões indispensáveis sobre as vossas urgentes necessidades.

Lá está bem a via do sucesso : — à ofensiva do patronato e do Poder deve responder-se com a contra-ofensiva da união da classe trabalhadora.

**Na ocasião do 1º de Maio reforçai a vossa acção unida pelos salários e pelas reformas, pela redução do tempo de trabalho sem diminuição de salário, a defesa da « Sécurité Sociale » e da Mutualidade.**

Vós exprimis uma potente vontade de unidade. Na luta contra um patronato e um poder intransigentes, vós compreendeis a necessidade de opor um bloco unido dos trabalhadores e das suas organizações sindicais.

Durante a acção, nas empresas e nas indústrias, esta união afirma-se e progressa.

É necessário realizá-la e consolidá-la em todos os escalões, de vencer todos os obstáculos artificiais que se lhe opõem e de abrir a via à unidade sindical. Sereis vós, pela vossa justa exigência e pelas vossas iniciativas, que sereis os principais obreiros da vitória.

**Na ocasião do 1º de Maio, a C.G.T. apela-vos a reforçar a vossa unidade e as vossas relações fraternais.**

Vós suportais o peso écrasante dos encargos militares, acima de tudo da força de choque, e da corrida aos armamentos.

Vós estais inquietos da aliança com os meios « revanchards » e militaristas da Alemanha ocidental e as forças reaccionárias que ameaçam permanentemente a paz do mundo.

Vós aspirais à Paz, ao desanuviamento internacional, vós participais às manifestações contra a força de choque.

**Na ocasião do 1º de Maio, a CGT chama-vos a desenvolver a vossa luta pela**

**Paz, pela coexistência pacífica, pelo desarmamento e por uma contribuição positiva da França à realização destes objectivos.**

Vós constatais que aos ataques contra as liberdades sindicais corresponde um agravamento da arbitrariedade do poder pessoal em todos os domínios, que se traduz por atentados às liberdades comunais, à gestão dos HLM e a todas as instituições que tenham um carácter representativo e democrático, e bem assim do vergonhoso uso da Rádio-Televisão pela propaganda gaullista.

Em face ao poder pessoal que pesa na dominação dos monopólios, das potências do dinheiro, sobre toda a vida do país, é necessário criar as condições duma autêntica democracia que permita notadamente à classe operária de defender os seus direitos e de desempenhar o seu papel na nação.

**Na ocasião do 1º de Maio, a CGT chama-vos à luta pela unidade em torno dum programa comum de todas as forças democráticas, sindicais, políticas, sociais, capazes de levar o país sobre a via da democracia e do renovamento.**

O 1º de Maio é a jornada de solidariedade e de luta dos trabalhadores do mundo inteiro pelos seus interesses e seus objectivos comuns. No nosso país mais de dois milhões de trabalhadores emigrados de diferentes nacionalidades sofrem uma explo-

ração particularmente penível, agravada pela discriminação e por medidas vexatórias de todas as espécies. O interesse e o dever dos trabalhadores franceses e emigrados é o de não se deixarem levar uns contra os outros, mas sim de defenderem juntos as suas reivindicações comuns.

Em todos os países capitalistas os trabalhadores são objecto dos mesmos ataques dos patrões e dos governantes, e por todo o lado eles respondem com reivindicações da mesma natureza. Todos os trabalhadores do mundo têm em comum a luta por uma vida melhor, contra o imperialismo e o colonialismo, pela Paz e amizade entre os povos. No mundo inteiro, a classe operária reforça o seu combate e consolida as suas posições. Ela manifesta-se como a crescente força da sociedade, que é a que representa o porvir, como o testemunha o desenvolvimento dos países socialistas e as vitórias dos movimentos de libertação nacionais.

Mais do que nunca, tenhais presente a grande palavra de ordem : — Proletários de todos os países, uni-vos !

**Na ocasião do 1º de Maio, a CGT chama-vos a exprimir a vossa solidariedade aos trabalhadores do mundo inteiro, o vosso apoio à acção da Federação Sindical Mundial e a vossa vontade de unidade internacional.**

## Trabalhadoras, Trabalhadores,

A CGT chama-vos a preparar dentro da mais larga unidade e por vossos fins comuns, potentes concentrações e manifestações no 1º de Maio.

**Pelo aumento de salários e de reformas, redução de tempo de trabalho, defesa da « Sécurité Sociale » e da « Mutualité », pela Paz e Democracia.**

VIVA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA !

VIVA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES !

VIVA O 1º DE MAIO !

Paris, 15 de Abril de 1964.

## Eleições sindicais na Citroen

*Vão realizar-se eleições para os delegados sindicais na Citroën. É preciso, torna-se absolutamente indispensável, que os trabalhadores portugueses desta firma comecem desde já fazer quanto possam para que sejam eleitos os delegados que lhes mereçam a maior confiança, pelo seu porte moral, pela sua conduta pessoal, pela persistência da sua luta em defesa dos interesses dos operários. E esses são, estamos certos, os da C.G.T.*

### ADERE à C.G.T.

Apelido ..... Nome .....  
 Profissão ..... Idade .....  
 Endereço .....  
 Empresa e local de trabalho .....  
 Data ..... Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10º.

Le gérant : René BLAISE.

LA COOTYPOGRAPHIE

Prix : 0,50 F.